

AS CONEXÕES SIMBÓLICAS ENTRE OS VISITANTES E AS COLEÇÕES DO MUSEU GRUPPELLI: OS RESULTADOS PRELIMINARES DE UM ESTUDO DE PÚBLICO

LETÍCIA COUTO CASANOVA¹; MARIANA BOUJADI MARIANO DA SILVA²; DANIELA FETTER³; ROSANA DOS SANTOS RODRIGUES⁴; ERLECI SANTHES ESTEVES DE SOUZA⁵; DIEGO LEMOS RIBEIRO⁶

¹ Letícia Couto Casanova: Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas - le.shady@hotmail.com; ² Mariana Boujadi Mariano da Silva, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas, mariana.boujadi@gmail.com; ³ Daniela Fetter, Bacharelado em Conservação e Restauro, Universidade Federal de Pelotas, danielafetter@hotmail.com; ⁴ Rosana dos Santos Rodrigues, Bacharelado em Turismo, Universidade Federal de Pelotas, rosana_rodrigues_pel@hotmail.com; ⁵ Erleci Santhes Esteves de Souza, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas, ritasanthes.souza@hotmail.com
⁶ Diego Lemos Ribeiro: Doutor, Instituto de ciências Humanas (ICH), Universidade Federal de Pelotas - dlrmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Museu Gruppelli leva o nome da comunidade onde está inserido, localizado na zona rural do Município de Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul. A região em que o Museu se localiza foi povoada por correntes migratórias europeias na segunda metade do século XIX, formada por imigrantes ingleses, alemães, pomeranos, franceses e italianos.

Os primeiros passos para a criação do museu se iniciam no final do ano de 1990, no qual objetos pertencentes às famílias locais passam a ser recolhidos. Neste momento, de acordo com Mário Chagas (1994), inicia-se

Um olhar constituidor de signos, a medida em que busca um 'outro' sentido além do sentido aparente. Um olhar que sem eliminar definitivamente a função primeira dos objetos/bens culturais, acrescenta-lhes novas funções, transformando-os em representações, em semióforos, em documentos ou suportes de informação. Um olhar, enfim, que transforma os mais diferentes espaços/cenários em museu. (CHAGAS, 1994, p.52)

Entretanto, o Museu Gruppelli ganha novos contornos em outubro de 1998, momento em o porão da hospedaria, antes uma adega de vinhos, passa a receber peças semelhantes as habitualmente utilizadas no cotidiano da zona rural de Pelotas, mas com um diferencial, agora estavam categorizados como acervo (FERREIRA, GASTAUD, RIBEIRO, 2013).

Este projeto foi executado através do apoio do fotógrafo Neco Tavares e da professora de ensino médio Neiva Acosta Vieira, pois, estes profissionais eram cientes do desejo que a comunidade tinha de ter um espaço onde fossem preservadas as memórias locais. Assim, iniciou-se, a coleta de objetos considerados significativos para a memória local, objetivando preservar o patrimônio rural e local.

Assim, inicia-se por parte dos moradores locais e de outros incentivadores o que convencionamos chamar de percepção da musealidade, pois, começam a ser selecionados referenciais de memória, não pelo seu valor de troca mas por um sentido de pertencimento a determinado modo de vida, no caso o da zona rural.

Em 2008, ano em que foi comemorado o décimo aniversário do Museu, houve uma forte demanda local no sentido de revitalizá-lo. A comunidade solicitou apoio técnico à Universidade Federal de Pelotas, por intermédio do Curso de Bacharelado em Museologia, visando uma melhor manutenção e gerenciamento das coleções, pois, mesmo depois de dez anos de funcionamento, o museu não amadureceu em termos de ações museológicas. Se por um lado havia uma acentuada percepção do potencial patrimonial do espaço, por outro o Museu padecia pela ausência de um olhar técnico-científico. Exatamente nesse contexto, reconhecendo a relevância patrimonial e turística do sítio, que o projeto foi criado em consonância com os interesses da comunidade local.

Desde o início, o projeto de extensão, procurou estabelecer um diálogo bilateral com a comunidade, fazendo com que estes fossem agentes ativos (protagonistas) e não somente espectadores do processo de construção e apropriação do patrimônio local.

Tendo como propósito ampliar o entendimento sobre a percepção museal dos visitantes, o Projeto promoveu estudos no sentido de compreender quais relações simbólicas são criadas pelo público ao interagir com as coleções. Tereza Scheiner (2012), define o que seria a musealidade:

um valor atribuído a certas 'dobras' do Real, a partir da percepção dos diferentes grupos humanos sobre a relação que estabelecem com o espaço, o tempo e a memória, em sintonia com os sistemas de pensamento e os valores de suas próprias culturas (SCHEINER, 1999, apud SCHEINER, 2012, p.18)

Parte-se da premissa de que a percepção da musealidade consiste na valoração e seleção dos referenciais de memória, sendo expressão do fato museal – que compreende a relação entre o homem (sociedade) e os objetos (referências patrimoniais).



Figura 1: Fachada do Museu Gruppelli. Fonte: Documentos do Museu Gruppelli

2. METODOLOGIA

Para alcançar as metas desta pesquisa foram realizadas análises no livro de sugestões e comentários do Museu, como também foi aplicado um questionário contendo perguntas abertas e fechadas. Cumpre mencionar que estes recursos de avaliação ficaram disponíveis no Museu, tendo em vista propiciar o preenchimento voluntário e espontâneo e não direcionado pela equipe, possibilitando uma maior liberdade de expressão às pessoas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a análise dos dados constatou-se que mais de 90% dos visitantes afirmam que os objetos trazem lembranças afetivas, e as respostas quanto aos objetos que funcionam como suportes de memórias são bastante diversas, como: ferro de passar roupas, moedor de carne, louças antigas, entre outros. A partir disto, tem-se, segundo Candau, que “nos apropriamos de formas diferentes de cada objeto que se encontra exposto em um local patrimonial, realizando nosso próprio ato de seleção”. (2012, p. 162).

Em relação às lembranças, no geral são remetidas aos tempos antigos, a infância, a casa da avó, demonstrando que as conexões criadas pelos visitantes são ao mesmo tempo individuais e coletivas. Portanto, “os objetos não apenas nos fazem retroceder no tempo como também se tornam tijolos que ligam o passado ao futuro”. (GONÇALVES, 2007, p.26). Desta forma, os objetos que compõem o acervo do Museu tornaram-se semióforos, assegurando a comunicação entre dois mundos, o visível e o invisível. (POMIAN, 1997)

Outro ponto apreendido através das respostas ao questionário aplicado diz respeito ao significado do museu aos visitantes e sobre o impacto que seria ocasionado em um eventual fechamento do Museu. Neste sentido houve um número significativo de palavras relacionadas à perda e ao esquecimento, e outras relacionadas a emoções.

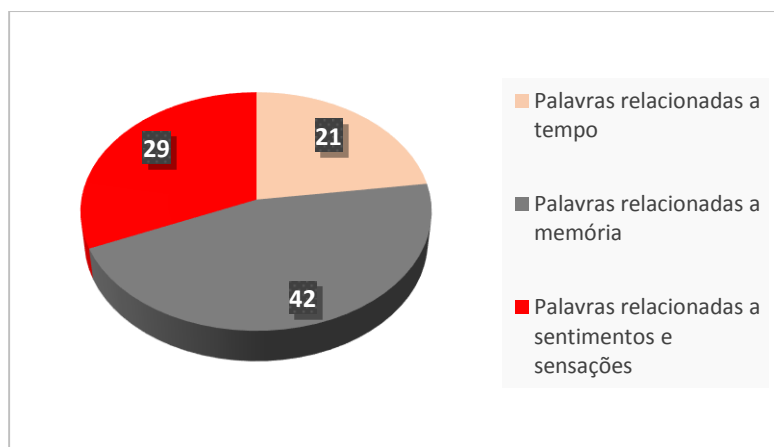


Figura 2: Gráfico: Respostas ao questionário. Fonte: Elaborado pelo autor

Entende-se, assim, que muitas memórias podem ser ativadas pelo receio da ausência ou perda. A partir das respostas analisadas, pôde-se entender que o museu se tornou um lugar de memória, em que a materialidade dos objetos resguarda as memórias coletivas e evita que se percam. Logo, pela quantidade de vezes que as palavras perda e esquecimento são mencionadas, constata-se que o museu serve à memória da zona rural e, do mesmo modo, vem desempenhando bem o papel de preservá-la – não apenas para quem mora na região, mas também para os moradores da cidade.

De acordo com Nora (1993), os lugares de memória nascem e vivem do sentimento, na medida em que não existiria memória espontânea. Em razão disso é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. Halbwachs apud Bosi (1994), sobre o papel da memória na sociedade, afirma que não se trata apenas de um condicionamento extremo de um fenômeno interno. “Mais do que isso, entende-se que já no interior da lembrança, no cerne da imagem

evocada, trabalham noções gerais. E graças ao caráter objetivo, transubjetivo, dessas noções gerais, que as imagens resistem e se transformam em lembranças”.

4. CONCLUSÕES

Enfim, ancorados em Pierre Nora (1993), acreditamos que os objetos servem como suportes de memórias, de vivências, que, ao serem preservados, bloqueiam o esquecimento. Em outros termos, através destes objetos as pessoas se identificam e se reconhecem, construindo a noção de identidade e de pertencimento. Compreendemos, então, que o Museu tem forte vocação preservacionista no que se refere às memórias e aos patrimônios locais, que são compartilhados e reconhecidos pela comunidade. Por fim, tendo sempre em vista que o projeto de extensão “Revitalização do Museu Gruppelli” deve ser dinâmico e continuado, a equipe se mantém sempre buscando melhorias nas práticas museológicas, para ampliar o diálogo com os visitantes, permitindo cada vez mais o estímulo ao olhar do visitante para outras pontes de memória, para novas conexões.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecleia. **Memoria e Sociedade: Lembrança de Velhos**. São Paulo, SP: Editora Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade. O Jogo Social da Memória e da Identidade (2): fundar, construir**. Tradução Maria Leticia Ferreira, São Paulo: Contexto, 2012. p.131-179

CHAGAS, Mário de Souza. **No museu com a turma do Charlie Brown**. CADERNOS DE MUSEOLOGIA. Nº 2, p. 49 a 65 – 1994.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi; GASTAUD Carla Rodrigues; RIBEIRO, Diego Lemos. **Memória e emoção patrimonial: objetos e vozes num museu rural**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 6 no 1 – 2013.

GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro, IPHAN, 2007.

NORA, Pierre. **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A problemática dos lugares**. 1993.

POMIAN, Krzysztof. **Entre o visível e o invisível: teoria geral das coleções**. Verbete Coleção. In: Enciclopédia Einaud, 1: Memória – história. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997.